

Conferência de
Pe. Alain MATTHEUWS s.j
e de Priscilla e Jean-Louis SIMONIS

Segunda-feira 18 de Setembro



X Encontro Internacional
das Equipas de Nossa Senhora

O sacramento de matrimônio

Aos namorados, tudo parece fácil e possível. Para outros, por vezes depois da passagem do tempo ou em função de outros acontecimentos, o único refrão verdadeiro parece ser o seguinte: “Como é difícil amar”. Onde está a verdade do amor? Onde está a verdade da relação homem-mulher? Qual é sua fonte? Qual seu caminho? Qual sua finalidade? Há milênios que homens e mulheres vêm se amando. As culturas e as diferentes religiões não se calam e seus ensinamentos de sabedoria oferecem grandes riquezas à humanidade. Mas o que nos diz Deus a respeito do amor conjugal? A aliança entre o homem e a mulher não é objeto de revelação?

O que diz o sacramento a respeito de si mesmo?

1. O dom de uma liberdade.

Mesmo em condições culturais diferentes, a Igreja insiste sobre a capacidade do homem e da mulher de comprometer-se livremente no amor, um para com o outro e diante de Deus. Na liturgia, uma das perguntas que se faz aos futuros esposos é a seguinte: É de livre e espontânea vontade que vocês vêm? É uma das condições de validade do sacramento. A liberdade é um valor.

É claro que nossa liberdade é sempre condicionada, mas ela nunca está totalmente subordinada a condições. Para se dar um ao outro, convém que o engajamento seja o mais “descondicionado” possível: não é por hábito, nem por interesse nem por necessidade que os esposos prometem-se um ao outro. Não existe amor no temor e no constrangimento. A verdade vos libertará, diz Jesus. O verdadeiro amor só respira num clima de liberdade e não pode crescer sem essa liberdade que um concede ao outro na confiança. A beleza dessas liberdades que se oferecem uma à outra é que elas decidem não mais decidir sem o outro. Elas fixam para si uma condição “nobre” na sua liberdade pessoal: o outro cônjuge. Oferece-se assim a liberdade para “encontrar uma outra” liberdade, ampliada pela comunhão pessoal. Parte-se para um “êxodo” de si mesmo para experimentar uma “novidade”: passa-se de um “ego” para um “duo”. Essa liberdade no casal é fundada e finalizada no amor. Ela modifica concretamente a vida, já que viver juntos amplia todas as manifestações da liberdade individual. Esse dom da minha liberdade individual é generosidade, abundância e se opõe a uma visão egoísta do casal. O casal alarga a liberdade e as condições de liberdade de cada um dos cônjuges se o amor estiver presente e se fortificar com o tempo.

Um dos sinais privilegiados do livre engajamento é o “sim”. Dizer “sim” é abrir-se a um projeto comum, é responder a um apelo que se pressentiu, que se adivinhou, que se ouviu. Dizer “sim” é responder com todo o seu ser, especialmente no consentimento conjugal. Na maioria dos casos, os namorados já se disseram de diversas maneiras que eles se desejavam, que eles queriam construir algo duradouro juntos, que se amavam para sempre. A troca de promessas é um “sim” mútuo, acolhido como um presente pessoal. Um “sim” que faz sonhar e que faz entrar numa terra nova, uma terra a ser cultivada, a tornar bela. Esse “sim” nem sempre é fácil de dar. Para aqueles e aquelas que pressentem o alcance do engajamento, esse “sim” possui todo o peso do que se espera e toda a exigência do que vai acontecer. O “sim” é um risco, não um abrigo, mas uma aventura que começa.

Priscilla e Jean Louis: Nós bem sabemos, como casal cristão, que este “sim” seguido do “eu te recebo por esposo, por esposa e te prometo ser fiel na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, amando-te e respeitando-te todos os dias da minha vida”, que este pequeno “sim”, de apenas três letras, contém como que a semente, o gene de toda a nossa vida futura de casal. Três letras que contêm toda a sinfonia

de nossa vida. Elas soarão especialmente como uma ação de graças nos “dias bons” e como um “lembrete” nos “dias ruins”.

Dizemos freqüentemente que nos casamos todos os dias. Mesmo sem pronunciar explicitamente as palavras de nosso compromisso, revivemos a cada dia esse “sim” como o dom de nossa vida que fazemos um ao outro: “Hoje eu te recebo...”

Nossa oração de casal, à noite, nos nossos genuflexórios, é do mesmo jeito que no dia do nosso casamento. Damos graças ao Senhor por ele ter estado conosco durante o dia todo e nos entregamos a ele mutuamente. Ele está próximo de nós como um pai que nos ama muito. Ele consolida nosso casal graças à ternura que tem por nós dois.

O fato de este “sim” do homem e da mulher serem pronunciados em público, diante da família e das testemunhas, é especialmente simbólico. A palavra pronunciada pode ser entendida por todos. Permite que todos se regozijem por este amor, por este compromisso, por esta esperança. Toda promessa requer um terceiro. As testemunhas que ouvem a palavra “sim” não serão, ao mesmo tempo, testemunhas de Deus que também ouve o “sim”, compartilha o “sim”, diz igualmente “sim” a essa vontade de amar? Se o ser humano é digno de um “sim”, o quanto esse “sim” não o transforma: doravante não são mais dois, mas são “um”! Deus se alegra com o “sim”, porque ele é amor. Dizer “sim” ao amor é dizer “sim” a Deus, é louvá-lo, é tornar visível seu projeto sobre a criação de todo ser humano.

A beleza do ser humano resplandece na sua capacidade de dizer “sim” à existência, a sua própria, a dos outros, a de seu futuro cônjuge. O “sim” conjugal é um “sim” à vida, à diferença amada e procurada, mesmo quando por vezes assusta ou quando desconcerta. O “sim” não é estático. É movimento. É vida. Dá vida. A felicidade surge desse “sim” dado a um projeto comum: não são os cônjuges os que se põem ao serviço de um “nós” que juntos eles encontram? O “sim” é uma decisão. Ele faz entrar numa nova “morada comum”. Afirmamos, assim, que a liberdade pessoal desabrocha e se fortalece no vínculo exclusivo do matrimônio. Enquanto para alguns o horizonte parece estreitar-se numa união monogâmica, na realidade a liberdade cresce e aprofunda-se no mistério do outro. Ao dar-se livremente ao outro, cada um dos esposos é chamado a encontrar e amar Deus, que é fonte de todo amor.

P&JL: Tornamo-nos, assim, um novo ser. Podemos falar de “nós”, agir em nome de “nós”, para juntos ingressarmos numa nova liberdade, a de nos darmos a dois aos outros.

Quando éramos noivos, participamos de uma manifestação que queria chamar a atenção sobre a inadequação dos transportes públicos para os deficientes. Ficamos responsáveis por Marta, paralisada em sua cadeira de rodas. Nós a levamos a passear um sábado inteiro pelos bondes de Bruxelas. Depois de casados, continuamos a visitá-la regularmente. Imobilizada na sua cama, ela nos recebia com tanta alegria que voltávamos para casa transformados. Esse pedacinho de nossa liberdade que oferecíamos a Marta com regularidade fortaleceu nosso amor conjugal, soldou nosso casal num “ser” capaz, por sua vez, de se doar.

2. Um dom total

Doar-se para quê? Qual é a finalidade desse dom exigente e inteiro, que toma conta da pessoa toda? O dom tem por finalidade a constituição da unidade conjugal e familiar.

Neste sentido, o dom pessoal está ao mesmo tempo “aberto” a algo maior que a pessoa que se dá e a uma realidade que a ultrapassa: o casal, a família. As pessoas não são “escravas” desses entes abstratos, mas estão a serviço de um mistério que os ultrapassa, mas que não existe sem a sua colaboração e presença. O dom tem essa amplitude. Por isso, parece normal que ele seja total. Cada um encontra a si mesmo numa nova unidade: “uma só carne”.

Um dom dessa ordem pressupõe uma confiança radical que não coloca limites nem naquele que se dá nem naquele que recebe esse dom pessoal. Cada um dos cônjuges dá o que tem de melhor, mas também suas limitações, suas imperfeições, suas fraquezas. Ele dá tudo ao dar-se. O cônjuge não pode continuar celibatário. Ele é “conjugado” ao outro: portanto, ele se entrega a outrem na sua “nudez”, ou seja, na verdade de sua pessoa, tal qual ele é. Essa verdade, naturalmente, já é pressentida e adivinhada antes do consentimento, mas descobre-se também no ato de se dar. A promessa faz brotar a verdade de cada um. Há um salto que se deve dar, um risco a assumir: é o que permitirá a descoberta de uma novidade.

Esse dom não é uma fusão ou uma diluição das personalidades num todo uniforme ou num ente que subjuga as liberdades humanas. O casal não é uma mini-empresa à qual tudo deve ser sacrificado. O dom total e exclusivo de que falamos tem a seguinte condição: que cada um conserve a sua personalidade e encontre no dom o “terreno favorável” para crescer, para fortalecer-se, para desabrochar no amor. E é verdade, apesar de difícil, que é possível permanecer o que se é, e olhar para o outro com admiração e estímulo. É possível permanecer o que se é, amando e promovendo o crescimento do outro. É com essa condição que o verdadeiro amor floresce e que a unidade conjugal toma corpo. Juntos, construímos no amor aquilo que é maior do que nós e que, ao mesmo tempo, permite que sejamos nós mesmos, aos nossos olhos, aos olhos dos outros, aos olhos de Deus.

P&JL: Perguntada sobre a imagem que tem de seus pais, uma de nossas filhas escreve: “O que admiro especialmente nos meus pais é o respeito que eles têm um pelo outro. [...] É muito importante respeitar o fato de que o outro é diferente. Em havendo esse respeito, permite-se que o outro conserve a sua liberdade. É permitir ao outro ser livre para ser ele mesmo. Tirar essa liberdade do outro seria torná-lo infeliz e impedi-lo de se desabrochar. E como consequência, isso se tornaria um freio para o desabrochar do próprio casal”.

Efetivamente, esse dom total pressupõe o respeito e a escuta mútuos. O “total” jamais pode tornar-se totalitário. Esse “total” implica no livre engajamento de cada um em respeitar o outro no seu ser mais profundo. O outro não pode vir a ser o escravo dos meus desejos, dos meus projetos, das minhas vontades. Não estou para policiar o outro. Cada um é guardião do ser do outro em seu inviolável mistério. O respeito passa pela escuta daquilo que o outro é, na sua diferença. Alcança-se neste ponto uma transparência que não é “glacial”, mas calorosa, respeitosa do mistério do outro, de sua beleza, de uma parte de seu jardim secreto. Essa transparência mútua é uma condição da totalidade do dom e permite que este assuma toda a sua amplitude na história do casal e da família. Alimenta o respeito e a confiança, mesmo se deve atravessar algumas áreas escuras, algumas incompreensões, algumas limitações insuperáveis. O outro, em seu dom total, é sempre maior que as expressões de que reveste esse dom. Suas limitações não são prova de que seu dom não é total, mas mostram, ao mesmo tempo, que o dom existe para além das aparências e que pode ser renovado e enriquecido pela graça divina.

3. Um dom definitivo e para sempre

É possível dar-se e continuar a se dar da mesma maneira, com a mesma intensidade, ao longo do tempo? Para a maioria de nossos contemporâneos, surgiu essa dúvida, que fosse somente porque a duração da vida conjugal aumentou nitidamente em relação às gerações anteriores. Culturalmente, tem-se sede de um amor que atravesse a morte e dure para sempre e, ao mesmo tempo, alguns pensam numa fidelidade sucessiva: a mulher dos meus desejos, aquele com quem construo minha vida profissional, a mãe dos meus filhos, a amante apaixonada da “idade do lobo”, a companheira da minha velhice... A indissolubilidade do vínculo conjugal não é somente difícil de respeitar, mas também de compreender e de prometer. O tempo é visto como inimigo do amor: ele desgasta o que é bom. Alguns gostariam de ajeitar esses novos dados, concebendo modelos conjugais mais elásticos.

P&JL: Entretanto, quando interrogamos os jovens de hoje sobre a felicidade, sobre os valores que são importantes para eles, a grande maioria responde “a família”, “uma família onde haja paz,

tranquilidade, alegria, partilha”, diz ainda nossa filha... “Nossos pais dedicavam tempo para nós, tinham consideração por nós, ouviam-nos, ajudavam-nos... Eles conseguiam fazer tudo isso, porque seu próprio casal vivia em paz, em harmonia!”

“Agora cabe a nós procurar seguir este belo exemplo, para que meu marido e eu também tornemos felizes e satisfeitos nossos filhos!”

Os noivos e os jovens casais estão portanto colocando no topo de sua escala de valores “o sucesso na minha vida de casal para tornar, por nossa vez, felizes os nossos filhos”. A vida dos pais é, pois, observada, na busca de um exemplo a seguir, de uma receita do “como fazer”.

“O que admiro nos meus pais é que, depois de 30 anos de casamento, eles continuam apaixonados. Como um casal ‘Just Married’! Sei disso porque estou vendo! Muitos casais já não se beijam ou não partilham nenhuma ternura depois de tantos anos de casados, mas eles... sim!”

Podemos medir assim a importância dos valores fundamentais de fidelidade e de indissolubilidade do casamento cristão e a desestabilização que infelizmente causa a separação dos pais aos jovens em busca de valores de referência sólidos.

O vínculo forte torna forte. O dom original entre esposos não é do mesmo tipo que um compromisso profissional ou um serviço a ser prestado. Essa “totalidade” da pessoa que se entrega à outra cria, no vínculo que se quis no início, uma força ligada ao mistério do outro. Dar-se assim não é banal. Simbolicamente, o dom diz respeito a todo o ser humano na sua vida nesta terra. Realmente, o dom tem a força do definitivo que tem a liberdade pessoal. A promessa diz respeito ao mistério inesgotável da pessoa que acolhe e que se dá. A vontade de amar vai se conformando não apenas de acordo com o tempo que passa, mas também com o tempo que é o outro: o vínculo duradouro tem esta solidez pessoal. Sou eu, é você, somos nós. Mesmo que as personalidades, as qualidades, o corpo assumam aparências diferentes conforme as estações da vida, a pessoa permanece a mesma: inesgotável mistério de amor cuja fonte corre abundantemente mais e mais e sempre e pode até tornar-se um rio.

O dom conjugal é impregnado por essa vontade de amor que deposita fé no outro em qualquer circunstância e que aguarda os frutos desse amor ao longo do tempo. O tempo é um aliado dos cônjuges se viverem o seu amor como uma aliança que respeita o que eles são. Compreende-se o quanto esse dom definitivo não pode sustentar-se apenas nos sentimentos ou nas qualidades exteriores do homem ou da mulher. A vida, às vezes, é dramática e o amor pode comungar apenas em alguns aspectos da realidade: a enfermidade, a mudança do desejo e as infidelidades. O amor é mais forte que tudo se a vontade dos cônjuges se faz regularmente explícita como continuidade da promessa inicial. Casar-se cada dia, porque cada dia é um dia novo em que a liberdade é chamada a dizer e redizer o “sim”. O tempo é amigo do Amor. Sem ele, quantos gestos e quantas palavras ficam sem poder desabrochar! Com ele, quantas descobertas imprevistas e quanta fecundidade!

A vontade de dar-se sem volta é uma condição do amor verdadeiro e sincero. Essa vontade é também o terreno da fidelidade. A promessa de dois seres, que tocam de tão perto as raízes daquilo que oferecem um ao outro, só pode ser definitivo, sem o que ela se transforma num jogo ou num artifício do amor. A promessa de se amar de maneira conjugal é a promessa de ir até o fim do amor. A geração de filhos não é uma condição desta fidelidade, porém confirma no tempo a perspectiva do amor conjugal chamado a se tornar familiar. Assim é que o casal preserva as gerações do esquecimento e consegue inscrever os filhos dos homens não mais no virtual e no instantâneo mas nas alegres e pacíficas profundezas da história humana. Para cada um de nós, ser filho ou filha de nossos pais é uma condição para o advento e a vida feliz de nossa identidade pessoal.

A maioria dos que casam na Igreja ficam entre o sentimento de pedir ajuda a Deus para fortalecer seu amor e o receio, por vezes, de um compromisso que eles sabem ser definitivo ao nível da fé. Na

verdade, Deus não acrescenta como que um verniz de indissolubilidade ao amor humano pelo sacramento do matrimônio. O amor é promessa de vida e de eternidade. Mas a graça divina tem, sim, seu lugar no dom dos esposos. Deus confirma a aliança dos esposos: ele a completa porque é ele que está na origem desse amor e porque ele decide com os esposos de ficar até o fim. A indissolubilidade sacramental é testemunha da força de Deus na história humana: ele permanece presente mesmo quando por vezes o ser humano foge do relacionamento. O Deus de Jesus Cristo é o Deus da Aliança, desde o Gênesis até o Sinai. Nosso Deus é fiel, dizem todos os profetas. A graça do sacramento é, pois, a seguinte: penetrar, por dentro, o voto de fidelidade indefectível do ser humano, confirmá-lo, salvá-lo, fortificá-lo se necessário, dar-lhe um sentido. A aliança que constitui o sacramento é irrevogável. Os esposos podem contar com Deus. Podem considerá-Lo como o “rochedo” de seu amor. Jesus é o salvador de todo amor humano. Ele lhe confere seu pleno sentido: para a vida, para a morte. Todo o mistério pascal está inserido na promessa que os esposos se dão. Apesar do caráter incerto de toda vida humana, cada um pode acreditar na possibilidade de um compromisso como este, alicerçado em Deus e enraizado na sua graça no dia a dia. A indissolubilidade é uma sorte para os esposos. O contrato é mais do que um contrato que pode ser rescindido¹: é um vínculo que une os esposos entre si e com Deus. “De agora em diante, vocês estão unidos por Deus em matrimônio”: esta é a vertente mais positiva. “Não separe o homem o que Deus uniu”: é a vertente da fraqueza humana que o Senhor e a comunidade cristã assumem fraternalmente.

4. Um dom fecundo, aberto para a superabundância do amor.

Dar-se totalmente a outrem é sentir que o amor, no movimento para “sair de si”, nos ultrapassa, nos leva em direção ao imprevisto e a um “plus”. A fecundidade de um casal se expressa nesse impulso e nessa superação. Engloba todo o campo da vida em comum. Não se confunde com a eficiência, que é mais de ordem técnica². A fecundidade sempre tem traços de gratuidade e está ligada à felicidade da pessoa, à sua alegria, a seu desabrochar, à descoberta de suas qualidades, à sua fortaleza em superar tristezas e obstáculos. O amor conjugal e parental é fecundo em todas as idades da vida. Os filhos que já deixaram o ninho familiar continuam sendo nossos filhos: continuamos sendo pais até o fim.

Todos os casais são fecundos. Essa fecundidade assume um “rosto” ao longo do tempo, por meio de uma dinâmica do dom que abre o homem e a mulher a todos os valores da pessoa. O casal e a família encontram sua fecundidade no dom de si aos outros. “*Aumenta o espaço de tua tenda*”, diz para nós o profeta Isaías. O casal não é uma finalidade absoluta. É na medida em que ele “se perde” que ele “se encontra”. O amor tem valor em si mesmo, mas é sempre um “sair de si” para ir em direção ao outro. A chave da fecundidade reside no “desapego de interesse”, na “recusa de fazer cálculos” de “ganha-ganha” e de “balanço sistemático”. Está no desejo e na vontade de não “deitar a mão” naquilo que se quer e no que se constrói, assim como o administrador humilde e fiel do Evangelho. Para “assegurar” uma real fecundidade ao amor conjugal devemos deixar espaço para a aventura. Só é possível dizer ao outro: “Você não me decepciona” ou, depois de alguns anos: “Você nunca me decepcionou”, se ele não foi reduzido a um projeto ou a uma visão ideal. O mistério do outro jamais pode ser reduzido a uma imagem, um desejo, um julgamento. A complementaridade tampouco é suficiente: a fecundidade é algo além da complementaridade de caracteres, de qualidades, de desejos. A sede da felicidade a dois deve ser carregada de desejo de infinito e de acolhida da graça. A fecundidade está nas mãos de Deus.

A fecundidade é mais ampla do que a procriação e a educação dos filhos mas está claro que inclui essas. O que pode haver de mais novo, de mais diferente, de mais gratificante, de mais desconcertante do que uma criança que transforma o casal em família? Em cada nascimento, um novo

¹ cf. repúdio

² Como ter sucesso na preparação de um bom jantar; chegar a um resultado positivo nas contas financeiras; achar o apartamento que se quer.

universo desperta e são notáveis as mudanças. Num casal que se ama, há algo de “natural” na chegada de uma criança. Os corpos que se unem estão sempre marcados pelo simbolismo do aparecimento da criança. O homem é sempre fecundante, a mulher nem sempre, mas o abraço conjugal possui em si essa espécie de duplo significado de união e de procriação.

É sabido que um casal que consciente e definitivamente recusa o acolhimento de um filho não pode contrair um casamento válido. Um casal estéril, aberto, por exemplo, à adoção, pode casar-se. O que significa que o dom conjugal é sempre marcado por essa matiz parental. O horizonte de toda fecundidade é “interpessoal”. É sabido o quanto a esterilidade pode representar uma provação e um sofrimento fortes: abala o casal nos seus alicerces. Todo desejo de filho é complexo e cabe ao amor purificar esses desejos. A criança tem seus direitos, mas não existe um “direito ao filho”. O homem e a mulher não gozam de nenhum “crédito de criança” em relação à sociedade ou a Deus. A ausência de um filho não é o fracasso final da vida do casal assim como qualquer direito absoluto a ter um filho é uma ilusão. O filho não é um “objeto de desejo” igual a qualquer outro, mas um sujeito com participação inteira, um dom do amor, um dom de Deus.

P&JL: Os progressos científicos atuais no campo da procriação só em parte resolvem a questão da fecundidade, ou melhor, a “não-fecundidade” procriativa. No máximo, propõem paliativos. Tornamo-nos cada vez mais conscientes de que esse mesmo progresso científico abre a porta a sérias conseqüências que preocupam, sob o aspecto ético, não apenas os cristãos que somos, mas também um número cada vez maior de não-cristãos. Diante do vácuo jurídico nessa questão, podemos pensar nas “mães de aluguel”, nos “bebês de proveta”, nas reivindicações dos homossexuais; os partidos políticos mobilizam-se para “legiferar” sobre a matéria. O “direito ao filho” aparece com freqüência para preencher o vácuo e curar o sofrimento causado pela ausência.

Priscilla e eu estivemos próximos desse sofrimento, por causa de uma esterilidade secundária devido a uma seqüência de abortos prematuros. Nossa ferida, nosso sofrimento só foram aliviados quando compreendemos que o Senhor nos chamava a sermos “fecundos” de uma outra forma, em outros campos. “Mas” – poderiam objetar os casais sem filhos que nos escutam – “vocês tiveram a alegria de acarinhar uma criança, vocês tiveram filhos, enquanto nós...” E eles têm muita razão, nossos sofrimentos não se comparam.

Entretanto, essas circunstâncias nos permitiram compreender que a procriação física não nos permite deixar de lado a fecundidade espiritual. Esta não é uma alternativa para aquela. Cremos que nossa missão procriadora não pode ser restrita ao povoamento da terra. Tomamos consciência de que o Pai criador, desde o Gênesis, nos chama para também espiritualmente gerar filhos para Deus na Fé, na Esperança e no Amor.

Voltamo-nos resolutamente para os outros. “Saímos de nós mesmos”, em direção a um “plus”, em direção do “imprevisto” de Deus. E essa abertura ao imprevisto tornou-nos disponíveis ao que Deus esperava e ainda espera de nós.

Voltemos por um instante aos filhos acolhidos como sinal da fecundidade do amor. Os esposos são chamados a colaborar com Deus Criador e Pai. A maneira como eles se unem é fonte de uma força específica para eles mesmos. Ao se darem no ato conjugal, eles se encontram e se firmam mutuamente na sua identidade própria, masculina e feminina e no seu ser pais. Na proximidade da ação divina, eles sentem os traços específicos desta ação: poder, criatividade, gratuidade. Deus se manifesta neles como Mestre e Senhor de tudo o que é criado. Nada escapa à sua ação criadora: o mundo inteiro está nas suas mãos de “oleiro”. “A vida humana é sagrada porque desde a origem comporta a ação criadora de Deus”³. Assim também a relação conjugal e o fruto humano da concepção. “Senhor, tu me sondas, e me

³ Donum vitae, Introd. no. 5

*conheces. Tu conheces o meu sentar e o meu levantar; de longe entendes o meu pensamento. Esquadrinhas o meu andar, e o meu deitar, e conheces todos os meus caminhos*⁴ Os esposos tocam de muito perto nessa ação de Deus. A consciência que têm dessa presença é reconhecimento, descoberta sempre nova, ação de graças. Experimentar essa presença de Deus no mais íntimo de si mesmo e no mais íntimo da relação do casal é uma singular expressão da fecundidade humana. Ainda mais, se a criança surge, o dom redobra: esse ser novo é “um dom que jorra do dom”. O filho é uma pessoa-dom que surge do dom de seus pais e do dom que Deus lhe fez da existência. “Ninguém vem ao mundo se não foi querido diretamente por Deus”. Essa afirmação do Concílio dobra em intensidade quando os pais têm uma verdadeira consciência de sua responsabilidade e que sua vontade de acolher o filho se “conjuga” livremente com a de Deus. Há circunstâncias em que essa “coincidência” não é perfeita e onde chega a ser um verdadeiro desafio para o amor humano. Todavia, cada criança recém concebida revela um rosto único da bondade e da ação de Deus. Em cada concepção, não é “um nada” que se oferece ao mundo e a esse casal. O filho embrionário, desde sua concepção, é confiado à nossa humanidade. Se sua existência, por vezes ferida, penetra na nossa, é para dizer: “Ama-me como sou”. A concepção de um filho aponta para uma alteridade nova: indica que o amor não é puramente dual, mas sempre plural. Essa fecundidade lembra a maneira como Deus ama cada ser humano por seu primeiro nome: do menor ao maior, do deficiente ao mais saudável. A chegada do filho assinala não a eficiência de uma técnica ou de um ato humano, mas a gratuidade do amor de Deus que se pode tocar no corpo humano e que cuida da liberdade pessoal no corpo de cada um.

O filho sendo um dom, ele nos cumula pela “superabundância” que representa. Nem sua presença nem sua ausência podem ser instrumentalizados para a felicidade dos adultos. O amor conjugal fecundo é chamado no mais das vezes a converter seus desejos. O filho é, por vezes, um dos campos de batalha do amor. O sonho do filho perfeito deve ser abandonado para reconhecer o filho real. Suas qualidades e seus talentos serão situados na alteridade daquilo que ele representa. Toda a tarefa educativa, magnífico fruto do amor conjugal, situa-se neste contexto. Podemos compará-la ao trabalho do “semeador”, que joga com abundância sua semente na terra que lhe é confiada. Educar é confiar a nossa palavra a outrem, para que este a acolha, seja por ela fortalecido, viva dela, e encontre desta forma também a felicidade. O colheita não é “automática”. A fecundidade de nossas palavras, de nosso exemplo, de nossa retidão, de nossos valores leva tempo para tornar-se “visível”, para não somente criar raízes mas para crescer no coração de nossos filhos. Convém que nossos atos correspondam a nossas palavras. Sempre existe um hiato entre o dizer e o fazer, mas estar atento à veracidade de nossa vida é essencial para que uma boa nova passe de geração em geração. Ninguém é perfeito, mas dar testemunho da verdade do amor é possível, mesmo quando - e sobretudo quando - ele nos deixa confusos. Sempre se pode dar testemunho da maneira como se é amado por Deus no perdão, na vida recebida, nos dons recebidos. Os filhos não idealizam por muito tempo seus pais, mas são sempre sensíveis à retidão de seu testemunho. A época da educação nos leva a “viajar” entre o mandamento positivo do Senhor: “Honrarás pai e mãe” e a recomendação – tão útil – de São Paulo: “Pais, não exaspereis vossos filhos”⁵.

P&JL: De fato, quantas vezes não constatamos que o que havíamos semeado, consciente ou inconscientemente, na educação que demos a nossas filhas, reaparecia anos mais tarde, depois de serem casadas e por sua vez mães. Houve momentos em que achamos que a semente se tinha perdido, desperdiçado, não fecunda, e eis que de repente dava fruto. Essa constatação nos anima a esperar que ressurgam os valores cristãos que quisemos transmitir e que estimamos serem tão fundamentais na nossa vida. Se nossos filhos não crêem ou não crêem mais, não praticam ou não praticam mais, de nada adiante ficar puxando pela semente ou pelo pequeno rebento que germina. Corremos o risco de arrancá-lo. Deixemos ao Senhor o cuidado de fazê-lo crescer, segundo seu modo e ritmo. “Dar tempo

⁴ Sl 139, 1-3

⁵ Ef 6, 4

ao tempo”, dizia minha mãe. O tempo de Deus não é o tempo dos homens! O Cardeal Danneels dizia-nos um dia: “Pensem no riacho que desaparece numa gruta. Nós o perdemos de vista, não sabemos para onde vai. Mas uma coisa sabemos: em algum lugar ele sai da gruta para continuar seu caminho para o mar. Onde? Quando? Não sabemos”. Desde então, essa palavra muitas vezes sustenta nossa esperança.

Ser fecundo é ser portador da paciência do tempo e confiar no tempo para que ele revele, com a graça de Deus, toda a amplitude de nossa “semeadura”. A fecundidade de um casal não pode ser avaliada pelos mesmos critérios que se aplicam a uma mini-empresa. A família torna-se mais profunda mesmo quando as forças definham e que a interioridade cresce por meio da memória de uma longa vida, por vezes no sofrimento, e na aproximação da morte. Quando definha a vitalidade, não se “fecha a empresa”, bem ao contrário! Ela libera outras energias, no crepúsculo do amor e da vida a dois. Em qualquer idade, os esposos se socorrem mutuamente, se dão suporte, se oferecem um ao outro, dão testemunho de uma chama que aquece. O sofrimento é um espaço de fecundidade onde a presença da graça se torna mais íntima e mais forte. A deficiência, a enfermidade, a velhice podem abrir a porta para uma esperança infinita. A partida de um dos dois deixa o outro desamparado e magoado, mas é o momento para dar o testemunho de uma fecundidade que une o céu e a terra.

5. Um dom do Senhor

“*Se soubesses o dom de Deus*”, diz Jesus à Samaritana junto ao poço de Jacó. Toda a história do povo hebreu dá testemunho desse amor “terno e ciumento” de Deus. As numerosas alianças concluídas são sempre queridas e propostas por esse Deus fiel no amor. São simbolizadas por uma relação nupcial entre Deus e seu povo, especialmente no anúncio e na vida do profeta Oséias. A história sagrada contada na Bíblia mostra também as dificuldades sentidas para ser fiel ao dom oferecido. A criação do homem e seu pecado pedem uma obra de salvação. Jesus salvador, salva o amor. Na verdade, ele devolve a cada homem a capacidade de amar. Essa Boa Nova é para todos. Esses “tempos novos” são os nossos: tudo mudou a partir de Cristo. O Cristo, o Filho de Deus, é o dom do Pai para a humanidade. Por meio de sua Encarnação, ele se uniu a todo homem: é este um dos acontecimentos mais decisivos de nossa história humana. Ele veio para os seus, diz São João. Doravante nossas vidas não são mais as mesmas, porque Deus está presente nelas de maneira particular. Em Jesus, Deus Trindade uniu a si toda a humanidade: ele está próximo de todo homem, do passado, do presente e do futuro. Ao amar a Igreja como ele o faz pelos séculos dos séculos e em cada instante, ele inscreve na história humana essa novidade do amor salvo. Os sacramentos são fochos de luz que por vezes dão testemunho, em nossas escuridões, da realidade do dom. Vivemos na presença do Filho de Deus: nossos gestos e nossas palavras são dele, vêm dele, são para ele. A economia⁶ sacramental exprime uma presença nova de Deus. Nós a vivenciamos de maneira tangível e particular no sacramento de matrimônio.

P&JL: Sentimos bem isso na nossa vida de casal. Se não há dom, não pode haver amor. O amor é fiel, é um dom definitivo. O amor não retoma o que já deu. Uma expressão popular diz: “o que é dado é dado, retomar é roubar”. Mas percebemos que este dom no casal é mais do que o dom da expressão popular. O dom dos esposos cristãos, nosso dom recíproco, de Priscilla para Jean-Louis, de Jean-Louis para Priscilla é mais que nossa união carnal, muito mais. É um presente de Deus. É uma graça que quisemos não só no dia de nosso compromisso mútuo há 34 anos, mas que continuamos querendo hoje e todos os dias de nossa vida.

Este “plus”, que vem de Deus, pode achar expressões diversas. Mas o que é próprio do sacramento é que é o Cristo que nos dá de nos darmos um ao outro em verdade. Como todas as coisas na terra, o amor também é salvo por Cristo. Por seu Espírito, Cristo libera em cada um as forças para amar.

⁶ Economia: estrutura coerente e orgânica de vida cristã transformada por Cristo.

Ele abre caminhos no coração. O amor, para além da sedução mútua, é “vontade de se dar ao outro tal como ele é e de querer seu bem”. Muitos medos habitam os nossos corações. Muitas feridas estão inscritas nos nossos psiquismos e nos nossos corpos. Cristo não apaga tudo, mesmo quando cura. Mas ele restaura e fortifica uma capacidade de amar naquele e naquela que deseja engajar-se no matrimônio. De forma mais profunda, quando uma noiva e um noivo se encontram, não é o fruto de um acaso, mas da providência, ou seja, de Deus que cuida de nossas histórias, que se insere nos nossos encontros e que suscita amistosamente as nossas liberdades. Não se toma marido ou mulher pela força ou segundo o costume social: pela graça, toma-se consciência de que o outro é um presente de Deus. É-nos oferecido como companheiro de jornada para esta vida. É para nós um “rosto” muito especial de Cristo. Toda a nossa força de amar é suscitada, fortalecida, animada por Cristo e seu Espírito. A especificidade do casamento cristão se manifesta na conscientização de que o outro não me pertence, e nunca me pertencerá de maneira absoluta. O cônjuge é um “sinal” do Outro que é Deus. Deus me faz “sinal” por meio da pessoa que coloca no meu caminho, a quem posso dizer um “sim” fiel e sem reservas.

a) Ele nos dá de nos darmos

Ter confiança em Deus é colocar a vida nas suas mãos: decisões, encontros, acontecimentos diversos. O Espírito Santo permite que o cristão interprete os fatos da vida e indica-lhe, de tempos em tempos, a ação visível de Deus. Deus “está presente em toda parte e em todo lugar”, como enfatiza o salmo, nada lhe escapa, ainda que tenha um infinito respeito por nossa liberdade: *Tu me envolves por trás e pela frente, e sobre mim colocas a tua mão. É um saber maravilhoso, e me ultrapassa, é alto demais: não posso atingi-lo! Para onde ir, longe do teu sopro? Para onde fugir, longe da tua presença? Se subo aos céus, tu lá estás; se me deito no Xeol, aí te encontro. Se tomo as asas da alvorada para habitar nos limites do mar, mesmo lá é tua mão que me conduz, é tua mão direita que me sustenta.*⁷ Esse cuidado de Deus é uma atenção “amorosa” para cada uma de suas criaturas. O impulso que nos impele em direção a outrem para descobri-lo, servi-lo, amá-lo surge do mais profundo de nosso coração.

Cristo dá testemunho à sua maneira desse impulso em direção a todos. Sem ser casado, ele mostra que o amor é oblativo, ou seja, aberto e apto para se dar a um “outro que não si mesmo”. Se o caminho do homem em direção a ele passa pelo encontro com outrem é porque Deus assim o quis e no-lo recordou em Cristo. É dando a vida que a encontramos. Quem por minha causa perder a vida, ganhá-la-á, diz o Senhor. O êxodo de si mesmo em direção ao outro é baseado em Cristo. Para o Cristo, salvar o mundo é devolver a cada um a capacidade de dar-se até o fim em todas as decisões tomadas, em todos os relacionamentos vividos. O homem e a mulher não estão sós quando se dão um ao outro. Deus está no interior de seu ato.

b) Ele se dá no dom que fazemos de nós mesmos

O Senhor está no coração dos acontecimentos, especialmente nos atos livres que praticam os homens e as mulheres de boa vontade. No consentimento matrimonial, ele dá um passo a mais: junto com os esposos, ele também diz “sim”. Ele se compromete no cerne das liberdades humanas, “com” estas e em favor destas. Ele próprio oferece amar o casal como ele é, cada cônjuge tal como se apresenta e toda a história da família assim como se realiza. Esse passo a mais é uma decisão divina, concreta, que pertence à história desse casal e que recebemos na fé da Igreja. Somos suas testemunhas de maneira litúrgica. Seremos suas testemunhas por vezes de maneira mais discreta nas diversas encruzilhadas da vida conjugal e familiar. Deus se encontra mais interiormente no casal do que se imagina por vezes. Se o casal muda para um novo apartamento, ele vai morar junto. Sempre respeitando a liberdade humana, ele é o verdadeiro “Emmanuel”, Deus conosco. Sua presença é segurança, força, confirmação, exigência, verdade da relação mútua dos esposos.

⁷ Salmo 139, 5-10

c) Ele nos associa ao Dom permanente que faz de si mesmo à Igreja.

Cristo é o dom em pessoa. Ele é somente “dom”: sua presença na terra e seus vínculos com os membros da Igreja exprimem-se nessa palavrinha. Reconhece-se nele o amor. A Igreja, ou seja, o Povo com o qual Deus firmou a “Nova e Eterna Aliança”, vive dele a cada instante. Esse “dom” é tão permanente que é o próprio Espírito de Jesus que o manifesta e com ele impregna a Igreja.

Imitar o Cristo, segui-lo e amá-lo é entrar nessa lógica do dom. Tarefa que seria impossível, não fosse a graça que ele nos dá. A vida da Igreja tem poder e vitalidade por estar ligada permanentemente a seu Senhor. “Teu esposo, teu criador”, diz Isaías. É a esse ponto que o Cristo ama sua Igreja. Ele se dá a ela como um jovem esposo, como um esposo fiel e atento, como um esposo tenro e dócil, como um esposo audaz e forte, como um esposo paciente e serviçal. O vínculo entre o *Cristo e sua Igreja é indestrutível*: “Estarei convosco, disse ele, até o fim do mundo”. Esse mistério é grande, disse são Paulo⁸: “*digo-o em relação a Cristo e à Igreja*”. Quem ama a Cristo ama a sua esposa, a Igreja, e vice versa.

Pelo sacramento de matrimônio, Cristo coloca os novos esposos no centro de sua relação nupcial com sua Igreja. O casal está no centro das graças reciprocamente dadas, do amor partilhado entre o Cristo e sua Igreja. Mais ainda, como em toda história de família, os esposos são chamados a dar testemunho desse vínculo de amor. Em sua própria carne, são imagem dessa relação. Esse “mistério” grande torna-se visível e presente na história humana e em todos os recantos da terra através de milhões de casais cristãos que se amam “no Senhor”. Por meio desse amor sacramental, eles transmitem um sinal aos outros. Cada um diz, na sua língua e na sua história, que Deus continua a amar seu povo de maneira concreta e durável. Situados pela graça no vínculo Cristo-Igreja, os esposos são um sinal privilegiado do amor de Deus para com todos os homens e em todos os tempos.

P&JL: Assim tornamo-nos conscientes de nossas próprias fragilidades et de nossas infidelidades ao projeto de Deus para nós, para nosso casal. Ao mesmo tempo, sofremos por ver o casamento perder o “sentido” em nossa sociedade contemporânea, isso até mesmo, com freqüência, entre os que são próximos de nós. Precisamos do amor salvador de Deus.

Onde estás, Senhor? Por que nos abandonastes? Vem, Senhor, em nosso auxílio, em auxílio “do casal e do casamento”! Se é o teu desejo de ver-nos dar testemunho do teu amor pela humanidade, dá-nos a tua graça, dá-nos a tua força, a força do teu Espírito, pois a semente está demorando para sair da terra e estamos desanimando! Faze-nos reconhecer os sinais pelos quais teu espírito nos chama a testemunhar! Ajuda-nos, Senhor, a responder à nossa missão de “casais cristãos na Igreja e no mundo hoje”, assim como nosso Movimento o lembrava após o Encontro Internacional de Santiago de Compostela no ano 2000.

6. Uma sinfonia sacramental

Um sacramento não é um gesto isolado, pontual, sem história anterior, sem conseqüências posteriores. Todos os sacramentos pertencem ao grande rio de graças que Cristo faz correr na sua Igreja para a humanidade. O casamento cresce, floresce e dá fruto no jardim sacramental que Deus nos oferece. Ele está ligado aos sacramentos da iniciação cristã. É um sacramento da missão. Em outras palavras, no concerto de alegrias e louvores que podemos ouvir pelo poder do Espírito e do qual participamos, o casamento é um momento privilegiado dessa sinfonia. Ele dá testemunho da presença do amor divino no amor conjugal e parental. Ouçamos a música desses sacramentos que tocam juntos, um com o outro, um pelo outro.

Matrimônio e Batismo

⁸ Ef 5, 32

Pelo batismo mergulhamos no grande mistério pascal de Cristo: salvos por ele de toda morte, ressuscitamos com ele. Revestimo-nos do Cristo de forma íntima, no corpo e no espírito. Agora, “*não sou mais eu que vivo, é ele que vive em mim*”⁹. Assim unidos a Cristo, já não nos pertencemos mais: dados a ele, somos transformados no nosso interior. Esse mistério já se reveste das características do amor nupcial. Cada batizado está unido a Cristo como “uma esposa está unida a seu marido”. Deste modo, para um batizado, é espontaneamente normal ver essa aliança ganhar profundidade na relação conjugal. Pelo casamento, os batizados expressam em toda a sua pessoa esse vínculo nupcial entre Cristo e sua Igreja. São como que “chamados” pelo Senhor que os atrai um para o outro para caminharem em sua direção na vida. Assim o casamento confirma a graça do batizado e lhe dá uma missão na Igreja e no mundo: mostrar como Cristo ama sua Igreja e toda a humanidade com um amor de Esposo – amor exclusivo, criativo, unitivo, sólido e fiel. Desde o batismo pertencemos primeiramente a Cristo. O matrimônio confirma essa realidade: amar-se é não mais se pertencer mas oferecer-se a outrem, aprender a dizer “sim” com todo o seu ser e dizer esse “sim” regularmente. Os esposos, no impulso da graça batismal, dão-se um ao outro para darem-se juntos a Deus. É o mesmo gesto de desapego de si mesmo para pertencer a Cristo.

Matrimônio e Perdão

Quem ama é chamado a muito perdoar. A benevolência, a paciência e a mansidão são expressões desse perdão. Perdoar é o “dom que vai até o perdão”: é um dom sempre renovado. O mais das vezes é preciso “redescobrir” esse dom do Senhor que é o sacramento de matrimônio. O amor é possível, mas ele deve superar temores, feridas, pecados de um e de outro. O suporte dado por outros fiéis no seio da Igreja-sacramento é fundamental, pois “um casal isolado está sempre a perigo”: “na” Igreja e “pela” Igreja, a consciência do “presente” recebido renova-se e fortalece-se. É no terreno do diálogo, do cuidado em explicar-se, dos gestos de humildade e de construção da paz que o sacramento do perdão pode vicejar. Reciprocamente, esse sacramento vivenciado por um, pelo outro ou pelos dois fortalece uma vida em verdade. O amor salvador de Cristo nos renova no sacramento da reconciliação: ao recebê-lo, entra-se livremente na humildade e na alegria. Significa ajustar-se ao amor de Deus assim como somos e confessar que, sem sua graça, pouco podemos. Esposos, pais, não são perfeitos. Mais ainda, acontece sermos infiéis ao amor prometido e de ferir Deus de diversas maneiras. O perdão sacramental rejuvenesce o coração. Ele nos dá a paz para fazer frente aos conflitos de nossa responsabilidade e muitas outras situações difíceis. Fortalecidos pelo perdão de Deus, os esposos podem aprofundar as expressões de seu amor e suas numerosas responsabilidades. Sendo esposos, o que atinge a um também atinge ao outro. Assim, as feridas e os pecados de um podem pesar sobre o outro. Inversamente, o perdão recebido dilata o coração e coloca o casal numa comunhão mais ampla com Deus e com a Igreja. Enquanto conservam sua vida espiritual pessoal própria assim como suas consciências, o perdão recebido pelos esposos faz bem a ambos. O que faz um dos dois crescer faz o casal crescer, repercute claramente ou misteriosamente sobre o outro e sobre toda a família. O perdão purifica e fortalece o amor conjugal. O amor conjugal e familiar abre a consciência de cada um à fraqueza do outro, para carregá-la, perdoá-la e também salvá-la. A consciência pessoal do pecado e do perdão refina o amor partilhado. Aquele ou aquela a quem Deus “perdoa suas dívidas” é chamado a fazer o mesmo e a perdoar até setenta e sete vezes sete vezes.

Matrimônio e Eucaristia

Apesar de muitos casamentos, por motivos diversos¹⁰, serem celebrados fora da Eucaristia, a tradição pastoral e catequética¹¹, a teologia espiritual e sacramental insistem sobre o vínculo entre esses

⁹ Gl 2,10

¹⁰ No caso, por exemplo de ausência de sacerdote, de celebração por um diácono permanente, de abertura mínima para a fé.

¹¹ CEC no. 1621

dois sacramentos. No momento do casamento e, mais tarde, na vida dos esposos, o vínculo entre matrimônio e eucaristia é fundamental. O Padre Caffarel insistia, com regularidade, sobre esse tesouro de graças para os esposos.

A fonte e o ápice do amor encontram-se na Eucaristia: Jesus torna-se aí presente para se dar a nós e a seu Pai. Toda eucaristia nos mostra pelo ato e nos lembra que a ação de Jesus consiste em dar-se por amor; mais ainda, ele é o “Dom de Deus”. Celebrar a Eucaristia é entrar nesse contexto. Cristo se dá aos esposos no momento de seu consentimento: ele também diz “sim”. Ele também se compromete. A Eucaristia mostra aos esposos até onde esse compromisso chega. Em cada Eucaristia, os esposos reconhecem a graça que lhes é própria: de que maneira Cristo dá sua vida até o fim por amor a outrem. Os esposos são nutridos por esse amor de Cristo em sua história concreta. De maneira litúrgica, oferecemos o pão e o vinho para que sejam transformados no corpo e no sangue de Cristo. Esse pão e esse vinho são o símbolo da assembléia: sua vida, seus esforços, seus compromissos.

P&JL: “Fazei isso em memória de mim” passa a ter um significado especial para nós como esposos. À imagem de Cristo que, ao oferecer seu “corpo” e seu “sangue” renova a aliança eterna, ou seja, a aliança de ontem, hoje e amanhã, nós também renovamos a nossa aliança. Fazemos memória do “dom” conjugal recíproco de todo nosso ser, na alegria e na tristeza, para o melhor e para o pior... até que a morte nos separe. “Por Ele, nEle e com Ele” rendemos glória ao Pai que nos fez “dom” um para o outro e que nos recebe unidos a Ele.

Assim os esposos podem oferecer-se a si mesmos e serem “incorporados” no mistério de Cristo sempre vivo. Depois de cada eucaristia, uma parte de nós (e, portanto, de nossa vida) entrou em Deus, foi transformada e unida a seu corpo místico. Adivinha-se, assim, o que faz a especificidade do sacramento do matrimônio: dizer um “sim” que tem a dimensão do “sim” de Deus. Assim como Maria disse “sim” ao projeto de Deus, os esposos dizem “sim” um ao outro e a Deus, que está no “interior” de seu consentimento. Ele está “dentro do” próprio ato de liberdade. Deus chama os esposos a se darem a se perdoarem: ele os toma pela mão. Ele assume o risco do amor com eles. Ele pode ser renegado e rejeitado. Ele caminha com os esposos. Ter consciência dessa presença divina é essencial para os esposos. É uma consciência que pode estar adormecida, obscurecida. Ela vai também se desenvolvendo ao longo do tempo, dos anos que passam. É freqüente que os esposos passem a reconhecer, depois do fato, o que de precioso existe nesse dom do Senhor. Muitas vezes, há novas “primaveras” espirituais nos retiros ou em acontecimentos familiares: o batizado de uma criança, a cura de uma ferida familiar ou pessoal.

P&JL: Cada vez mais, os casais que assistem juntos à Eucaristia se dão as mãos no momento da recitação do Pai nosso até o abraço da paz, quando se beijam. Esses pequeno sinais exteriores estão cheios de significado. Eles nos ajudam a tomar consciência da união de dois amores, o amor do Cristo e o amor do cônjuge.

7. Dom e missão

A participação nesse vínculo Cristo-Igreja proporciona raízes, alicerça a relação homem-mulher “sobre a rocha”, é fonte de uma missão. Não é nem o cristão, nem o casal, nem a família que se dão a si mesmos sua própria missão. Toda missão é um “chamado” recebido do Senhor. A missão é recebida dAquele que é sua fonte, discerne-se, compreende-se no concreto da vida do casal e com base na graça sacramental.

Dizer que o casal recebe uma missão é afirmar desde logo que ele não existe apenas para si mesmo. O ser família, essa “*comunhão profunda de vida e de amor*”¹² é um amor transbordante que procede de além dos esposos: esse amor, de maneira mais ou menos espontânea, é chamado a se

¹² Gaudium et spes

difundir, a ser fecundo, a dar testemunho da vida e do amor divino no lugar em que se encontra. Trata-se de deixar a abundância das “águas espirituais” derramar-se nos desertos de nossas vidas modernas. As missões podem assim ser múltiplas e diferentes mas todas se fundamentam sobre a graça do batismo e do sacramento do matrimônio. Casar-se é responder a um novo apelo. Assim como Jesus, no Evangelho, envia seus discípulos dois a dois para anunciar a boa nova, ele envia os esposos dois a dois nas estradas do amor. Na Igreja, os esposos são como que “consagrados”. Recebem dons que lhes são próprios. Eles terão, pela graça do sacramento, um “ministério”: um serviço a prestar.

Uma missão que é comum à maioria dos esposos é a de dar testemunho de um amor fiel, sólido e forte. Essa fidelidade não é “costume”, “bom hábito”, “útil”, “preciosa” para todos: é cumplicidade e convivência com a fidelidade do próprio Deus para com seu povo. Ser fiel e procurar sê-lo é “agir como Deus” na história dos homens. A primeira atividade do casal e da família é a de dar testemunho de sua existência, pois esse ato, dia após dia, fortalece as gerações e dá testemunho de uma esperança que atravessa o tempo e o espaço. Como diz o Padre Sonet, os casais que se unem e que se mantêm e se fortalecem dão testemunho de uma fé: *“tornar possível o impossível por acreditar que é possível”*.

O serviço da vida na sua transmissão e na educação dos filhos é também essencial. O horizonte dessa paternidade / maternidade não tem limites porque é feito de amor. Ele permite e também suscita um “gosto” pela vida, no sentido pleno da palavra. Não se trata apenas de ter filhos, de promover a vida ou de defendê-la, convém também, em cada instante, encontrar-lhe um sentido e um sabor de eternidade. Ligar a vida humana à vida de Deus é uma tarefa magnífica. Insere todas as famílias na família dos santos. Os pais são os primeiros educadores do mistério de Deus. Na família, todos os membros evangelizam-se mutuamente. Pensamos na oração que jorra como fogo dos corações dos cônjuges, que intercedem por cada um. **O amor conjugal une a alma a seu Senhor.**

Pe. Alain MATTHEEUWS s.j

Priscilla e Jean-Louis SIMONIS
